

Miriel Bilhalva Herrmann¹

ARTESANATO EM LÃ: UMA REFERÊNCIA CULTURAL NA PAMPA SUL RIO-GRANDENSE

¹ Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

Este artigo versa etnograficamente sobre o saber-fazer artesanal em lã crua ovina, sobretudo aquele realizado por mulheres em Jaguarão, no extremo Sul do Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai, atentando para a técnica do crochê em *jacquard*, que se destaca como um saber do município e região. O artesanato em lã sul-rio-grandense abarca diferentes técnicas, tecnologias e modos para transformar a fibra em peças da *lida campeira*, como, por exemplo, ponchos, palas e xergões, comercializados nas casas das artesãs, em feiras ou em lojas agropecuárias. O objetivo do texto é tecer uma análise antropológica do processo artesanal, que envolve a criação de rebanhos ovinos, as técnicas de *esquila* (tosquia), até a transformação da lã para diversos fins. Para tanto, foi considerado o processo histórico de construção desse saber-fazer, cujas origens remetem à introdução do gado na região platina. O intuito é refletir para além da peça, mas sobre os *caminhos da lã*, por meio das formas de transmissão, da organização dos processos de produção, dos materiais utilizados, das relações entre artesãs e instituições. A vinculação da pesquisa com a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais Lida Campeira (INRC Lida Campeira), propiciou o reconhecimento do artesanato em lã enquanto um *saber-fazer* difundido historicamente pelas mulheres na pecuária familiar da Pampa.

PALAVRAS-CHAVE: Artesanato em lã. Crochê em jacquard. Jaguarão/RS. Patrimônio Cultural Imaterial. Mulheres. Pampa.

ABSTRACT

This article ethnographically deals with the craftsmanship of raw sheep wool, especially that performed by women in Jaguarão, in the extreme south of Rio Grande do Sul, on the border with Uruguay, paying attention to the jacquard crochet technique, which stands out as knowledge of the municipality and region. The handicraft in wool from Rio Grande do Sul encompasses different techniques, technologies and ways to transform a fiber into pieces of countryside handling, such as, for example, ponchos, palas and xergões, sold at the artisans' houses, at fairs or in agricultural stores. The objective of the text is to weave anthropological analysis of the artisanal process, which involves the creation of sheep herds, the techniques of "esquila" (shearing), to the transformation of wool for various purposes. For that, the historical process of construction of this know-how was considered, whose origins refer to the introduction of cattle in the Platinum region. The aim is to reflect beyond the piece, but on the wool path, through the forms of transmission, the organization of production processes, the materials used, the relationships between artisans and institutions. The connection of the research with the methodology of the National Inventory of Cultural References of Countryside handling (INRC Campeira Handling), provided the recognition of wool handicraft as a know-how historically disseminated by women in family livestock in the Pampa.

KEYWORDS: Wool handicraft. Jacquard technique. Jaguarão/RS. Intangible cultural heritage. Women. Pampa.

INTRODUÇÃO

Neste artigo trago alguns debates realizados na dissertação intitulada “*Pe-los caminhos da lã: uma etnografia do artesanato crochê em jacquard feito por mulheres em Jaguarão-RS*”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, defendida no ano de 2020. Na pesquisa, discorro sobre o artesanato em lã crua ovina, sobretudo aquele realizado por mulheres em Jaguarão, no extremo Sul do Rio Grande do Sul, na fronteira com a República Oriental do Uruguai. Por meio da pesquisa etnográfica, busco compreender a produção do artesanato em lã, acompanhando alguns de seus *caminhos*, o que abrange o processo artesanal que inicia no campo (com a pecuária familiar extensiva de ovinos), as técnicas de extração da lã do animal (tosquia/esquila) e estende-se até a transformação da fibra, sendo possível a confecção de uma diversidade de peças, como, por exemplo palas¹, ponchos², boinas³, xergões⁴, ruanas⁵, a partir das *malhas* que os processos articulam, envolvendo humanos, animais, coisas e ambiente.

A lã é o pelo da ovelha e muda sua característica de acordo com a raça do animal, no que diz respeito à finura, à cor, à ondulação, à resistência, ao comprimento e à elasticidade. A fibra da ovelha é uma matéria prima largamente utilizada na indústria têxtil, gerando produtos para proteção do calor e do frio, bem como outros usos, como a repelência à água e o efeito retardador de chamas (FELIPE, 2015). O saber-fazer artesanal implica conhecimentos que estão num constante processo de criação e invenção, possibilitando formas de continuidade de um determinado elemento cultural, tendo em vista que a cultura é dinâmica, “inventada” (WAGNER, 2010), e precisa do contínuo movimento e transformação. Conforme Arnoldy e Espejo (2013, p. 28), a técnica de tecer abrange conhecimentos e práticas, estabelecidas historicamente em certa região, “que se estende no âmbito corporal e intelectual, e que são praticadas em contextos materiais”. Logo, a técnica se configura como objeto, mais que material, excede os domínios intelectuais, corporais, os sentidos do artesão. Dessa forma, pretendemos abordar o *saber-fazer* do artesanato definindo-o como uma atividade histórica, resultante de processos culturais determinados e em constantes transformações.

Seguindo os *caminhos da lã* é possível encontrar diferentes *saberes e fazeres* disseminados por toda a região da pampa sul-rio-grandense. *Saberes e fazeres* concretizados nas peças feitas em lã, o artefato final produzido pela multiplicida-

¹ Pala é uma espécie de poncho, chamado mais apropriadamente de poncho-pala, usado pelos campeiros pampeanos quase como um enfeite (SCHLEE, 2019).

² Poncho é uma espécie de capa de formato quadrangular, geralmente de lã, com uma abertura no centro, é usado para proteção do frio no inverno em toda a região platina (SCHLEE, 2019).

³ Xergão é uma manta de lã trançada, ou um quadrado de pelego usado sobre o lombo do cavalo, abaixo da sela de montaria, para conforto e proteção (SCHLEE, 2019).

⁴ Ruana é uma espécie de poncho de lã, feito em tear – de forma retangular e aberto na frente (SCHLEE, 2019).

⁵ Boina é uma espécie de gorro sem costura e sem pala, geralmente feito de crochê ou tecido de lã, que se difundiu no pampa e passou a integrar a indumentária do campeiro sul-rio-grandense no decorrer do século XX (SCHLEE, 2019).

de de materiais, de matérias, de relações e de conhecimentos. As peças produzidas são mais que mercadorias, são dádivas, impregnadas de significações, vínculos entre produtor e comprador, delineando-se um fluxo de relações (MAUSS, 2003a). Como sugere Ingold (2012, p. 59) precisamos “trazer as coisas à vida”, nos ater aos processos vitais, a vida das coisas. Para perceber esta “vida” é preciso seguir os materiais, como fluem, emaranham-se e coisificam-se, sem a prerrogativa da atuação humana sobre eles. Pois a forma de um pala ou de um poncho, por exemplo, é gerada através dos *caminhos*, consequência do envolvimento recíproco entre humanos, animais e coisas em interação com o ambiente. De acordo com uma artesã, a peça artesanal de lã, se bem cuidada, pode durar “*uma vida toda*”.

Assim, norteia-se a reflexão sobre os *caminhos da lã*, aquilo que acontece na transformação da lã: desde a criação até a feitura das peças, e envolve um emaranhado de relações e engajamentos com os materiais, ao longo dos quais as coisas são constantemente formadas (INGOLD, 2012). As linhas entrelaçam-se constituindo uma *malha*, estabelecendo assim um emaranhado de *caminhos* ao longo dos movimentos e das relações. Por meio desses *caminhos* se constrói a vinculação dessa pesquisa ao Inventário Nacional de Referências Culturais Lida Campeira (INRC Lida Campeira)⁶, política pública que propõe pesquisar, documentar e produzir conhecimento sobre a *lida campeira*, para fins do Registro dessa referência cultural enquanto Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Como a pesquisa indica (RIETH et al., 2021), a *lida campeira* é composta por diversos saberes e ofícios, os quais são desenvolvidos por viventes que, historicamente, habitam a pampa e vivenciam no cotidiano a pecuária extensiva. Por meio do artesanato em lã, busco pensar a *lida* considerando a relação de humanos, de outros animais, de objetos, os quais estão intimamente ligados ao ambiente, em consonância com a premissa do INRC Lida Campeira.

A interação com as pesquisas etnográficas do Inventário da Lida Campeira, permitiu reconhecer o crochê em *jacquard* como um dos modos de fazer disseminado pela pampa, como uma *malha*, em relação ao fluxo da *lida*. Isso permitiu pensar os diversos *saberes e fazeres*, manifestados através das diferentes técnicas e formas de transformar a lã, em distintas localidades da pampa. Como, por exemplo, a pesquisa de Daiane Loreto Vargas (2016), realizada com uma comunidade de artesãos da Vila Progresso, em Caçapava do Sul, onde são tecidas peças em grandes teares, trabalho no qual toda a família está engajada, incluindo homens,

⁶ O INRC Lida Campeira compreende duas fases. O INRC – Lida campeira na Região de Bagé/RS inicia-se em 2010, coordenado pela professora Dra. Flávia Rieth. O trabalho de campo abarca os municípios de Bagé, Arroio Grande, Pelotas, Bagé, Hulha Negra, Herval, Aceguá (Brasil), Aceguá (Uruguay), Jaguarão e Piratini. O projeto estabeleceu-se por meio de uma solicitação da Prefeitura Municipal de Bagé ao IPHAN e pelo financiamento deste órgão. A pesquisa empregou a metodologia para o registro de bens imateriais do IPHAN. E a parceria se estabeleceu com o curso de Bacharelado em Antropologia. Nesta primeira fase foram inventariados lidas do pastoreio de bovinos, ovinos e equinos, da esquila, da doma, da lida caseira, do aramador, do troperismo e o ofício do guasqueiro nos campos lisos da pampa sul-rio-grandense. No transcorrer de 2016, inicia-se a segunda fase do projeto, o INRC Lida campeira na região do Alto Camaquã, por meio de parceria com a Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC). Esta região compreende os municípios de Bagé, Lavras do Sul, Caçapava do Sul, Piratini, Canguçu e Santana da Boa Vista. Nesta extensão dos campos lisos para os campos de pedra, as propostas do Inventário que sobressaem são a lida: com pastoreio de bovinos, de ovinos e de caprinos, a lida caseira e o artesanato em lã. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/lidacampeira/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

mulheres e jovens. Ou, como apontam as pesquisas do Relatório Preliminar do Alto Camaquã, realizada na localidade de Palmas, interior de Bagé/RS, o trabalho da artesã Rosangele Scholante que confecciona peças de lã no tear de pente, juntamente com o marido e o filho, e as atividades do Fio Farroupilha, em Piratini/RS, que produz peças em tear de prego, desenvolvendo, também, a técnica da feltragem, utilizando a lã do rebanho da propriedade que se destaca pela qualidade da fibra, alcançada com melhoramento genético assistido pelos técnicos extensionistas da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS-Ascar)⁷.

Para desenvolver a pesquisa de campo, tive como base a Etnografia, tendo como referências metodológicas - Roberto Cardoso de Oliveira (1996), James Clifford (1998), Márcio Goldman (2006), José Guilherme Magnani (2009), Mariza Peirano (2008; 2014) e Tim Ingold (2019). Os encontros e conversas com cinco artesãs que trabalham com a lã no crochê em *jacquard* ocorreram, por vezes, na Associação dos Artesãos, nas suas casas, nas feiras, via *internet* ou ligação telefônica – de acordo com a disponibilidade de cada uma. Mas, na busca pelo conhecimento sobre os *caminhos da lã*, além destas artesãs, tive contato de forma esporádica com outras artesãs, como nas visitas à Associação dos Artesãos, à As Cardadeiras, à Casa da Economia Solidária, às feiras e aos cursos. Ainda no intuito de abranger tais *caminhos*, conversei com a Cooperativa de Lãs Mauá, com a EMATER, com o Serviço de Aprendizagem Rural (SENAR)⁸, com pecuaristas familiares ovinocultores e com *esquiladores*. Todas as conversas e encontros foram registrados por meio de anotações em meu caderno de campo, de imagens fotográficas e em registros audiovisuais.

Dessa forma, não é possível pensar isoladamente o crochê em *jacquard*, mas como uma das técnicas artesanais da pampa, privilegiada pelas mulheres artesãs de Jaguarão, como será demonstrado a seguir.

AS ARTESÃS: APRENDIZAGEM E ORGANIZAÇÃO SOCIOCULTURAL

A pampa é uma importante área cultural (LEAL, 1997)⁹, onde as relações de humanos, de animais, de coisas e ambiente se entrelaçam na construção de um modo de vida campeiro ou pampeano (RIETH et al., 2013). As pessoas estão engajadas no mundo em que vivem, no caso a pampa, em que processos sociais e culturais se transformam e incidem na construção do ambiente, das formas de vi-

⁷ Empresa de Assistência técnica e Extensão Rural é mais uma instituição atuante que se entrelaça nessa malha na busca da valorização do *jacquard*. A Instituição se tornou a representante natural do serviço oficial de extensão rural do Estado. Atualmente a agricultura familiar gaúcha é modelo no país graças ao trabalho desenvolvido pela Emater/RS-ASCAR.

⁸ Serviço de Aprendizagem Rural uma instituição que, entre suas várias ações, estão programas de treinamento e cursos de capacitação profissional no Rio Grande do Sul. Todo o conhecimento oferecido pelo SENAR-RS é ministrado por uma grande equipe técnica de profissionais que está sempre em constante atualização de conteúdos para transmitir novas tecnologias ao público rural. Disponível em: <http://www.senar-rs.com.br/>. Acesso em: 25 jan. 2019.

⁹ Entendendo por área cultural o espaço que não diz respeito apenas a definições de fronteira, mas se estabelece através da dinâmica dos humanos, dos animais, dos artefatos e dos saberes e fazeres que compõem as lidas (LEAL, 1997; RIETH et al., 2013).

ver e de pensar. Desse modo, não há separação dos humanos em relação ao mundo. A pampa tem um importante papel, tanto para a continuação da vida quanto para aspectos culturais, como conhecimentos e modos de saber e fazer que se criam por meio dessa intensa relação (INGOLD, 2012). Portanto, conservar a pampa envolve, além do ecossistema, também, a conservação da cultura pampeana, bem como de seus detentores e detentoras (FREIRE, 2005; RIETH et al. 2021).

Jaguarão é um município que faz fronteira com a República Oriental do Uruguai, mais especificamente com o município de Rio Branco, pertencente ao Departamento de Cerro Largo, às margens do Rio Jaguarão¹⁰, tendo como municípios vizinhos, em território brasileiro, Herval e Arroio Grande. A formação do município teve início a partir de um acampamento militar, constituído para a proteção da fronteira meridional. Os militares contribuíram para a edificação e organização e, devido aos conflitos entre portugueses e espanhóis, determinaram o processo de concepção de Jaguarão, além do estabelecimento da sociedade e da economia. O município foi consolidando-se como uma localidade de troca entre uruguaios e brasileiros, por meio de um comércio fronteiriço baseado na pecuária e na agricultura. A pecuária, tendo maior destaque, propiciou que o município ingressasse o ciclo econômico do *charque* (produção de carne salgada), oportunizando o desenvolvimento e a formação de uma categoria socioeconômica fortalecida – a elite pecuarista (FRANCO, 2001; 2007).

Na área do agronegócio, Jaguarão desenvolve, especialmente, a produção de arroz e de soja; na pecuária, destacam-se os rebanhos bovinos e ovinos. Os campos, destinados a criação contrastam com as plantações de soja e de arroz, que são cultivadas anualmente. Esta situação é cada vez mais frequente na paisagem local: campos, que antes eram destinados a criação de ovinos e bovinos, agora são utilizados para a monoprodução de grãos, assim como, para plantações de espécies exóticas, como eucalipto e acácia, (utilizadas pela indústria de madeira e de celulose).

Segundo dados da EMATER, a ovinocultura é predominantemente realizada por pecuaristas familiares. Nesse sentido, Jaguarão está entre os municípios do Rio Grande do Sul produtoras de lã, o que propiciou o desenvolvimento do artesanato com esse material. Na região platina, o artesanato em lã crua é empregado na produção de peças, como por exemplo, palas, ponchos e boinas usadas para proteção contra o frio e usadas na *lida campeira*. Esse ofício, com o passar dos anos, se tornou uma referência cultural, tendo grande expressividade na região da *campanha*, onde se concentra a criação de ovinos. A consequência do domínio da ovinocultura é a abundância de matéria-prima para a confecção de peças em lã. A criação de ovelhas é característica de regiões da pampa e faz parte da pecuária familiar, a qual utiliza a carne para o consumo cotidiano e a lã para o

¹⁰O Rio Jaguarão é cenário da lenda que dá origem ao seu nome e ao da cidade. Trata-se de uma antiga lenda do povo guarani que ali vivia anteriormente a chegada do colonizador. Versa sobre uma criatura que era uma mistura de jaguar e peixe, do tamanho de um cavalo pequeno, de pelos espessos como o da capivara, boca crivada de dentes como os da traíra mas pontudos e afiados como os espinhos da coronilha. O terrível animal atacava suas presas nas barrancas da margem do rio. Disponível em: <<http://helioramirez.blogspot.com/2016/05/lendas-do-rio-jaguarao-leyendas-del-rio.html>>. Acesso em: 12. jul. 2020.

artesanato, confeccionando diversas peças, de acordo com as pesquisas do INRC Lida Campeira (KOSBY; SILVA, 2013).

Nesse emaranhado desenvolvido na região da pampa, destaca-se a técnica do crochê em *jacquard*, realizada na localidade de Jaguarão. O crochê em *jacquard* tornou-se referência cultural¹¹, sendo difundido a partir do movimento das artesãs em compartilhar esse *saber-fazer* com outras mulheres fora do núcleo familiar, assim como pela inserção em feiras e em exposições de artesanato em lã da região. As artesãs, moradoras em Jaguarão, perceberam que realizavam um trabalho que se diferenciava no restante do Estado. Atualmente, tem-se o reconhecimento das artesãs de Jaguarão e de outras localidades da prática do crochê em *jacquard*. O artesanato em lã é uma atividade que envolve processos de aprendizagem, conhecimentos sobre os ovinos, propriedades da técnica e de repertórios, relações com agências e instituições, estabelecendo uma forma de estar e de ver o mundo. Como coloca Ingold, temos diversos elementos que constituem esse bem cultural que forma um “agregado de fios vitais” (INGOLD, 2012, p. 29). E isso acontece de tal forma que o artesanato em lã pode ser pensado como um conjunto, dentro de um fluxo vital entre humanos, animais, coisas e ambiente.

As artífices são mulheres que, na sua grande maioria, nasceram e se criaram no meio rural, mas, atualmente, residem na zona urbana, ainda que possam manter vínculos familiares e/ou possuir propriedades rurais. São diferentes mulheres, trabalhando de forma individual ou organizadas em associações. Suas trajetórias e seus aprendizados são como fios que se entrelaçam formando uma única coisa – a vida da artesã. Nessa trama revela-se como acontecem as aprendizagens, a transmissão dos conhecimentos e a dimensão que tem o artesanato em lã na vida destas mulheres. O artesanato em lã envolve tempo. Tempo para aprender, tempo para preparar a lã, tempo para fazer o fio, tempo para tecer a peça. É uma atividade demorada e repetitiva. Na feitura da peça, é tramado fio por fio, contado ponto por ponto, laçada por laçada, carreira por carreira. É um constante vai e vem, faz, desfaz e refaz. Em alguns casos, se a artesã percebe no meio do *caminho* um ponto fora do lugar, ou que o ponto não está correto, ou que o ponto ficou muito apertado ou solto demais, é preciso desfazer e recomeçar a peça, para que no final o resultado seja perfeito.

Nesse processo longo e lento, de fazer e de desfazer, é que a artesã adquire destreza. Além disso, o artesanato propicia o trabalho da sua reflexão e da sua imaginação, de pensar sobre o que está produzindo (SENNETT, 2015). Nesse sentido, formas artesanais de produção rompem com a lógica de modernidade, de coisas instantâneas, que preconiza o gesto automático, já que o tempo dirigido ao ofício artesanal é outro. Ingold (2000) afirma que este é um tempo social, no qual a experiência é situada na pessoa, é individualizada. Rieth e Lima (2018) apontam que, assim como tecer a lã, os *saberes e fazeres* das lidas pecuárias estão

¹¹ Neste trabalho, o termo referência cultural é usado no sentido de “dirigir o olhar para representações que configuram uma ‘identidade’ da região para seus habitantes” (FONSECA, 2000, p. 14). Pois a técnica crochê em *jacquard* foi adotada como uma prática cultural significativa, de importância e de valor para as artesãs que o produzem, assim como para a localidade onde é realizada.

impregnados de aspectos artesanais, envolvendo percepções, sentimentos, corpo, ritmo durante o tempo de execução de suas tarefas a artesã/artífice se engaja com o que está fazendo, sendo capaz de “sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem bem” (SENNETT, 2015, p. 30). Dessa forma, o aprendizado do processo artesanal acontece por meio de uma *educação da atenção* (INGOLD, 2010).

O aprendizado do artesanato em lã para muitas das artesãs teve início na infância, pelo interesse em descobrir o fazer, observando mãe, avós, tias e vizinhas darem forma à lã, por meio do movimento das mãos, da postura, do ritmo da atividade. Aprender esse ofício requer vontade de fazer bem feito, concentração, atenção, paciência. A artesã Elci aprendeu a fazer o fio, mas, segundo ela, começou a fazer um “*bom fio*” somente após anos de trabalho, com muita prática e entre erros e acertos, com horas e mais horas de dedicação: “*lidando com a roca*”, até “*pegar o jeito*”¹² de fazer um fio de qualidade. De acordo com o argumento de Ingold (2010) a habilidade, a aptidão e a *educação da atenção* é uma redescoberta orientada. O *saber-fazer* não é apenas transmitido, mas, sobretudo, construído, por meio de trajetos, antes traçados pelos antepassados, e retraçados a cada geração, o que contribui para a continuidade desse saber, pois todo o conhecimento adquirido e as habilidades desenvolvidas nascem juntamente, durante os trajetos da vida.

Por meio de experiências coletivas, as artesãs estabelecem suas próprias narrativas em relação ao *saber-fazer*. E assim vai constituindo-se uma *malha* de relações entre as artesãs, os materiais e as técnicas, que são aprendidas e compartilhadas dentro de uma tradição, na qual há uma manutenção. Porém, este conhecimento não é imutável, pois a tradição é viva e, sendo assim, suscetível a modificações. A invenção de novas formas e estilos não deve ser entendida como o abandono ou a ruína dos métodos ancestrais, mas pode ser percebida como a continuação de um saber que sempre levou em conta a inovação.

O crochê em *jacquard* é uma atividade que as artesãs desenvolvem no âmbito “da casa”, não havendo separação absoluta entre o trabalho doméstico e o remunerado, onde a realização de afazeres da casa, os cuidados com os filhos misturam-se a produção do artesanato. O trabalho no artesanato confunde-se com o doméstico, pois, entre um ponto e outro, tem que tecer a vida (auxiliar os filhos com tarefas escolares, organizar afazeres da casa, resolver problemas e questões do cotidiano, bem como fazer coisas “na rua”, como pagar contas ou realizar compras, por exemplo). Fica claro o importante papel que a casa tem na organização do processo de produção do artesanato em lã. As formas de trabalhar, de comercializar, de socializar estão entrelaçadas nesse contexto. A casa configura-se, enquanto um importante recinto, fundamental na constituição, no desenvolvimento e na organização da produção artesanal; é o centro de experiências familiares, afetivas, pessoais e profissionais. Apresenta-se, neste contexto, essencial para o desenvolvimento e a permanência do saber. Tradicionalmente apontada como

¹² Elci, junho de 2019.

local onde o aprendizado era desenvolvido e transmitido, no qual as mulheres aprendiam, com suas mães, tias e avós, realizando as etapas do ofício na sua totalidade.

Perante o que foi visto em campo durante a pesquisa, as artesãs organizam o trabalho a partir das necessidades de cada uma, gerando diferentes formas de produção e de venda, seja por encomenda, seja para pronta entrega, seja para consumo próprio ou seja para venda nos espaços físicos, como a Associação dos Artesãos de Jaguarão, a Casa da Economia Solidária, o ateliê, a casa da artesã, os espaços virtuais e as feiras, por exemplo. Em alguns casos, as artesãs podem combinar essas estratégias, tendo em vista a diversidade de clientes, de demandas e de disponibilidade. Assim como podem trabalhar ligadas a algum grupo ou de forma individual, realizando todo o processo da lã ou dividindo as etapas. As diferentes configurações de organização da atividade artesanal estão relacionadas com “*viver ou não viver*” da lã, ou seja, do artesanato em lã ser a forma de sustento principal ou não.

Novas configurações e demandas na produção necessitam de reformulação na forma de trabalho, de divisões das etapas, como é o que ocorre em relação à feitura do fio, que, atualmente, as artesãs terceirizam, comprando o fio pronto de outras artesãs. Uma dizem que é para agilizar o processo, outras não fiam por conta da idade avançada. Um fato é que o processo de transformação da lã em fio, desde a lavagem até a feitura do fio, é uma atividade que requisita esforço – é demorada, desgastante e envolve muita *sujeira*. Essa divisão das atividades, que se configurou entre as artesãs, não está relacionada apenas com agilizar o processo ou com a *sujeira* que ele envolve, mas diz respeito, também, com o fazer bem feito. Uma pessoa fazendo a mesma etapa adquire grande experiência, pois, nesse caso, a feitura precisa ser de um fio uniforme e fino, assim, a peça será melhor tecida e mantém um padrão de perfeição e de qualidade (DOUGLAS, 2012; SENNETT, 2015; HERRMANN, 2020).

Na contemporaneidade o aprendizado se dá por meio de diferentes formas e em diversos espaços, sendo ampliado para além da casa, do núcleo familiar. Essa expansão possibilita que mais mulheres tenham acesso a esses *saberes e fazeres*. Esse movimento, para fora da casa, teve início quando as artesãs mais antigas da localidade, perceberam que o crochê em *jacquard* não estava sendo passado de geração para geração, como antes, pois suas filhas e netas não demonstraram interesse em aprender. Preocupadas com a continuidade desse conhecimento, se reuniram, então, em uma Associação, na tentativa de dar seguimento à técnica do crochê em *jacquard*.

Momentos distintos mostram a transformação do artesanato. A artesã mais velha tem a experiência, a vivência do artesanato como tradição familiar, passado de geração em geração, pelas avós e mães, utilizando a matéria prima que havia disponível, as mulheres produziam peças para a família e para a casa, sendo uma produção pequena, para o consumo. Essas mulheres estavam inseridas no meio rural, onde o cotidiano era regido pela natureza, pelo dia e pela noite.

Com a passagem no tempo, esse fazer vai tendo outra dinâmica. Ao levarem esse conhecimento para além do âmbito familiar, as artesãs conseguiram dar destaque para o artesanato em lã realizado na localidade. Começaram a participar de exposições, de concursos nos quais são reconhecidas pelos seus trabalhos, assim como destacam a localidade no circuito das feiras.

As artesãs, inseridas no meio urbano, envolvidas com o trabalho de casa ou *de fora*, com as questões do dia a dia, com o ritmo da vida na cidade, estão se reinventando para continuar a fazer o artesanato em lã. Por meio de novas formas de trabalhar, de se organizar e de executar esse ofício, cada geração consegue lidar com as mudanças que vão acontecendo no fluxo da vida.

PROCESSOS DE PRODUÇÃO DA LÃ

Considerando os *caminhos da lã*, os processos de produção e transformação da lã compreendem desde a criação de ovinos, a qual abarca diferentes conhecimentos nos cuidados e tratamento dos animais, tendo em vista alcançar a produção de uma fibra de qualidade; passa pela retirada da fibra, o que envolve técnicas de *esquila*, seleção e armazenamento; depois de separada a fibra do animal, começa o trabalho das artesãs, que executam os processos de preparação da lã para a feitura do fio, o que envolve: lavar, cardar e, por fim, fiar. Na visão ocidental moderna, a natureza é exterior ao humano, elucidando a ideia do humano fora da natureza. Nesse sentido, a ideia de natureza não é uma questão natural, já que é um conceito criado por humanos (GONÇALVES, 1998). Ingold procura ultrapassar a dicotomia entre natureza-cultura, afirmando que humanos (e todos os demais seres) se movimentam junto ao “meio” em que vivem. Não vivem “nele”, senão “com ele” (INGOLD, 2000). Descola (2012) afirma que os campos do natural e do cultural não são domínios independentes, isolados em si, mas apresentam continuidades entre si. Nesse sentido, tudo está relacionado, pois estão no mundo, tanto a natureza, humanos, animais e coisas.

Ao vivenciar a vida das artesãs, de pecuaristas familiares ovinocultores, de *esquiladores*, percebe-se a constante relação que se estabelece no envolvimento de humanos e não humanos. O *saber-fazer* artesanal constitui-se a partir da criação de ovinos e está diretamente ligado aos pecuaristas familiares, os quais têm na criação extensiva a principal fonte de trabalho e renda. A criação de ovinos é uma atividade característica das regiões da pampa, abrangendo pequenas, médias e grandes propriedades, bem como áreas de uso comunitário, como, por exemplo, no caso das Comunidades Quilombolas, e, tradicionalmente, é uma atividade familiar. Para a pecuária familiar, a carne da ovelha serve para o consumo e a lã para a confecção de vestimentas, de cobertores, de colchões, entre outros itens para uso da família. Já a lã é comercializada na localidade, em “barracas”¹³,

¹³Barracas são empresas particulares, que comercializam a lã, não tendo vínculo com o produtor assim como acontece no caso das cooperativas. É uma alternativa dos produtores escoarem a sua lã, quando não são atendidos pelas cooperativas.

em cooperativas, na indústria ou entre as artesãs, contribuindo para as despesas da propriedade de origem.

A atividade no Rio Grande do Sul, até meados do século 18, era voltada para a produção de peles e pelegos. A lã produzida era utilizada pelas famílias para o próprio consumo. Somente no século 20 a produção laneira constituiria-se em atividade econômica (VIANA; SILVEIRA, 2009). Segundo Bofill (1996) a ovinocultura tornou-se uma atividade vantajosa, a partir da valorização comercial e do avanço de tecnologias de produção, dessa forma acarretando em melhoria na qualidade do rebanho. A partir do desenvolvimento de instituições de comercialização, de promoção à criação, assim como do surgimento de inovações na área de tratamentos veterinários, possibilitou-se aos criadores melhorarem a qualidade dos rebanhos e da lã. Muitas regiões pampeanas, como a de Santana do Livramento, do Alegrete, de Uruguaiana, de Pinheiro Machado, de Herval, de Pedras Altas, de Piratini, de Bagé, entre outras, têm tradição em pecuária de ovinos, desenvolvendo a produção da lã. A criação de ovelhas adapta-se melhor em campos secos, altos e limpos. Mas se desenvolve, também, em campos úmidos onde, porém, demandam maiores cuidados no manejo.

Segundo Ana Lecy, extensionista da EMATER, Jaguarão tem na sua maioria propriedades familiares, que levam a tradição da produção de ovinos adiante, mesmo enfrentando a desvalorização da lã no mercado. Atualmente, os produtores do município criam gado e plantam, também, tendo a criação¹⁴ de ovinos voltada para a dupla aptidão, carne e lã. Na propriedade¹⁵ do Sr. Luiz, situada na localidade do 2º subdistrito de Jaguarão, não é diferente: a tradição da ovinocultura se mantém há, pelo menos, três gerações. Ele diz que *"vem de herança, desde o avô criava"*¹⁶. O pecuarista familiar é técnico agrícola, seguiu com a atividade da família e trabalha com a criação de ovinos e bovinos de *recria*¹⁷.

Diversos cuidados estão envolvidos na criação, como o melhoramento genético do rebanho, fazendo a seleção de animais e evitando cruzamentos não monitorados, pois cada raça tem um tipo determinado de lã (FELIPE, 2015). São necessários cuidados em relação à alimentação e ao tratamento de doenças parasitárias, principalmente com relação as fêmeas na gestação, assim como o momento propício para a *esquila*. *"Aqui tem muito trabalho, dia sim dia não tem*

¹⁴As raças mais criadas em Jaguarão é a Corriedale e a Romney Marsh, mas no Rio grande do Sul existem diversas raças de ovinos, como a Merino e a Ideal, sua excelência é para produtoras de lã fina, mas também produz carne. Já a raça crioula é mais rústica, tem uma lã com maior espessura, utilizada na sua grande maioria para a confecção de tapeçaria. São diversas raças, mas mais da metade dos rebanhos no Estado é da raça Corriedale.

¹⁵A classificação de pequena, média ou grande propriedade é referente à classificação do módulo fiscal que é uma unidade de medida determinada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Logo o tamanho de cada módulo fiscal é determinado em função das atividades de exploração desenvolvidas e características de cada município. Em Jaguarão as propriedades com mais de 160 hectares são classificadas como média propriedade, e que corresponde a do Sr. Luiz, que possui 270 hectares.

¹⁶ Luiz, novembro de 2019.

¹⁷A *recria* abrange desde a desmama dos filhotes até a fase de acasalamento, cio das fêmeas, e a engorda dos machos que não serão utilizados como reprodutores.

que estar com as ovelhas na mangueira.”¹⁸ O dia a dia é de muito trabalho, seja com sol, chuva ou frio é preciso ir todos os dias a campo, juntando os animais na mangueira, para examinar e realizar determinado cuidado ou tratamento. Uma “lida brabíssima” (RIETH; LIMA; BARRETO, 2016). Segundo Sr. Luiz, “de um dia para outro podem abichar, tem problema de frieira no casco que acaba abichando, tem que estar de olho”.

A micronagem, que mede o diâmetro da fibra da lã em micras¹⁹ (ou seja, a finura da lã), para qualificar a lã, vem sendo realizada na contemporaneidade. Por meio dessa classificação pode se estabelecer o preço, bem como selecionar “matrizes” ovinas de melhor lã. Essa medição pode ser realizada por um aparelho, o *Optical Fibre Diameter Analysys* (OFDA), sendo possível manuseia-lo em laboratório ou em feiras, fazendo a medida por meio de uma mecha da lã coletada do animal. A medição com o aparelho traz um diagnóstico mais detalhado, pois por intermédio da lã é atestado tudo que o produtor fez durante o ano no campo. O resultado vai além da finura da fibra, da avaliação física e nutricional do animal, apontando se há necessidade, ou não, de melhorias na forma de manejo do rebanho.

Após todo o trabalho realizado no campo, procurando melhorar a produção e qualidade da lã, é feita a retirada da lã do ovino. Essa atividade é denominada de *esquila*, tosquia ou tosa. Consiste na remoção da lã dos animais *lanados*, ou seja, que tem a aptidão para a produção dessa matéria-prima. No Rio Grande do Sul a *esquila* é realizada comumente em determinada época, que corresponde a primavera e o início do verão, mais especificamente, entre os meses de outubro e dezembro, no momento em que as temperaturas começam a ficar mais amenas. O processo da *esquila* é uma forma de propiciar o bem-estar ao animal, assim como abastecer o mercado da lã. A atividade faz parte da *lida campeira*, dependendo do tamanho do rebanho a *esquila* é executada pelo *esquilador* junto a outros trabalhadores organizados naquilo que se chama de uma *comparsa* ou todas as funções podem ser executadas pelo *esquilador*.

Na época da *esquila* observei dois métodos: o com máquina e o com tesoura. A manual, chamada *esquila* ou “tosquia a *martelo*”, é a forma tradicional de retirada da lã da ovelha, usando uma tesoura, chama-se de tosa a *martelo* devido ao som da tesoura, semelhante ao de martelos. A técnica *Tally hi*, ou “*esquila australiana*”, por sua vez, vem sendo disseminado por permitir maior agilidade no processo, em que é possível tosar um maior número de ovinos em menos tempo. E como o animal não é *maneado* (quando as patas são amarradas), permite que o *esquilador* faça um trabalho mais bem feito, sem recortar a mecha, promovendo a retirada do velo de maneira integral, o que, segundo os interlocutores, preserva a qualidade da lã e o bem estar animal.

Dependendo da quantidade da lã retirada do rebanho, essa matéria prima é comercializada com a Cooperativa de Lãs Mauá ou é comercializada com

¹⁸Luiz, novembro de 2019.

¹⁹Micras é a unidade de medida relacionada à espessura que equivale à milésima parte de um milímetro.

barraqueiros, que são comerciantes que compram a lã, segundo interlocutores, geralmente com preços melhores que os da Cooperativa e com pagamento à vista. Alguns comerciantes compram o bolsão fechado, com a lã sem classificação, sem haver uma valorização pela finura, pela qualidade da fibra. E, em algumas propriedades, a lã é utilizada para o uso doméstico (na confecção de tapetes, xergões para montaria, ponchos e cobertas), para vender ou doar diretamente para as artesãs; ou para a comercialização entre conhecidos e vizinhos. Em alguns casos, o pagamento para o pecuarista familiar é feito por meio de troca, quando o ovinocultor oferece a lã para a artesã, que retribui com peças tecidas. Com a compra direta do produtor, a artesã tem a possibilidade de selecionar os velos com maior qualidade, analisando a coloração, a textura, o odor, as impurezas da lã, para utilização no seu trabalho.

Seguindo o fluxo da matéria-prima, a lã, para que possa ser utilizada no artesanato necessita ser lavada, para a retirada de impurezas, como gordura natural, terra e vegetais, que estão aderidos à fibra. Cada artesã tem uma maneira de fazer esse processo, algumas preferem colocar a lã de molho durante um dia, para depois lavar com água e sabão em barra. Já outras utilizam sabão, em pó ou detergente líquido. Após secar a lã, chegamos a mais uma etapa: o cardamento. É necessário, antes, abrir a lã, fazendo a retirada de impurezas, de pequenos nós, de pedras ou de vegetação que não sai na lavagem. Após essa triagem, a lã pode ser cardada. Cardar é uma forma de pentear, possibilitando a retirada de nós que ficam na lã. O cardamento, deixa as fibras no mesmo sentido e pode ser feito através das cardas manuais ou cardas de tambor. A carda manual é a mais utilizada pelas artesãs de Jaguarão. Geralmente, os jovens começam o aprendizado do artesanato por meio dessa atividade. A artesã Sra. Nilza lembra que tinha cinco anos e já abria a lã para a avó e a mãe cardarem, "*aquilo era uma diversão*".

Depois da lã ser devidamente cardada, é o momento da sua transformação em fio. A fiação pode ser realizada em rocas manuais, rocas elétricas ou fusos. A forma mais difundida entre as artesãs da região de Jaguarão é a roca de pedal (ou manual). Como na roca de pedal a artesã tem controle da velocidade no seu pé, o qual é mais ou menos acionado, conforme necessário, e torna mais fácil o processo, na visão delas. O corpo também requer um treinamento físico para se adaptar à nova lógica do fazer. Essas lidas não requerem tanto a força quanto o "*jeito*" (RIETH et al., 2020), tem que aprender a maneira certa, o ritmo do movimento que está realizando.

O fio é muito importante para o artesanato em lã. A partir dele é possível tecer as peças. Fiar é igualmente importante para o desenvolvimento da técnica do crochê em *jacquard*, pois as artesãs dizem que é necessário um fio fino e uniforme. A Sra. Nilza afirma "*que o fio tem que ser bom, se não o artesanato não fica bonito*". E não é toda a artesã que consegue ou gosta de fazer o fio, pois é demorado e envolve todo o processo da lã, desde pegar o velo sujo, lavar, cardar. A artesã Elci desenvolveu muita habilidade na fiação. Tem um fio elogiado por muitas artesãs que trabalham com *jacquard*, ela atualmente produz fio para muitas mulheres

de Jaguarão que trabalham com essa técnica.

Depois da feitura do fio a lã pode ser tingida, ou não. A lã de ovinos oferece diferentes tonalidades de velo, como: branco, marrom, bege e cinza, estas três últimas tonalidades são provenientes da ovelha considerada “preta”. Mas, também, para obter maior variedade de colorações, as artesãs tingem a fibra branca. Esse procedimento pode ser realizado com corantes químicos, próprios para lã, assim como com tingimento natural, e este último é mais utilizado pelas interlocutoras.

O trabalho artesanal com lã é o momento de poder criar, manusear aquele material, em estado bruto, e o transformar em peças. A artesã Cenilza, adora “pegar um novelinho de lã e transformar numa peça”. Como foi visto, a lã é um material que possui inúmeras possibilidades de transformação, isso é o que a torna atraente, além das inúmeras formas de fazê-la, pois “interessamo-nos particularmente pelas coisas que podemos modificar” (SENNETT, 2015, p. 138). Certamente, o processo de transformação das coisas é um fator importante. A partir de um material, que, ao primeiro olhar não tem importância, e, muitas vezes, é descartado, não tendo valor comercial, pelo olhar das artesãs ele é convertido em peças artesanais apreciadas e até premiadas em concursos.



Imagem 1: desenho caminhos da lã
Autor: Flávia Rieth – Pelotas/2020



Imagem 2: Criação e manejo de ovinos
 Autor: Miriel Bilhalva Herrmann - Arroio Grande/2019



Imagem 3: Criação e manejo de ovinos
 Autor: Luciene Mourige - Jaguarão/2019



Imagem 4: Esquila a martelo
 Autor: Miriel Bilhalva Herrmann - Arroio Grande/2019



Imagem 5: Lã esquilada
 Autor: Miriel Bilhalva Herrmann - Arroio Grande/2019



Imagem 6: Lã sendo lavada - início do trabalho das artesãs
 Autor: Miriel Bilhalva Herrmann - Jaguarão/2019



Imagem 7: Lã secando
 Autor: Miriel Bilhalva Herrmann - Jaguarão/2019



Imagem 8: Lã sendo cardada
 Autor: Miriel Bilhalva Herrmann - Jaguarão/2019



Imagem 9: Fazendo o fio na roca de pedal
 Autor: Miriel Bilhalva Herrmann - Herval/2019

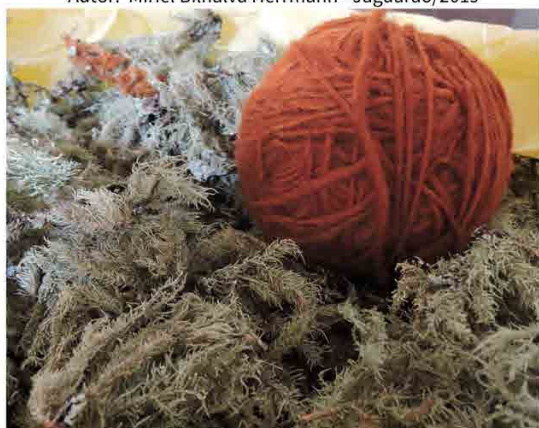


Imagem 10: Lã fiada pronta para tecer
 Autor: Miriel Bilhalva Herrmann - Arroio Grande/2019



Imagem 11: Tecendo o crochê em jacquard
 Autor: Miriel Bilhalva Herrmann - Jaguarão/2019



Imagem 12: Pala tecido na técnica crochê em jacquard
 Autor: Acervo da artesã Débora Lima - Jaguarão/2019

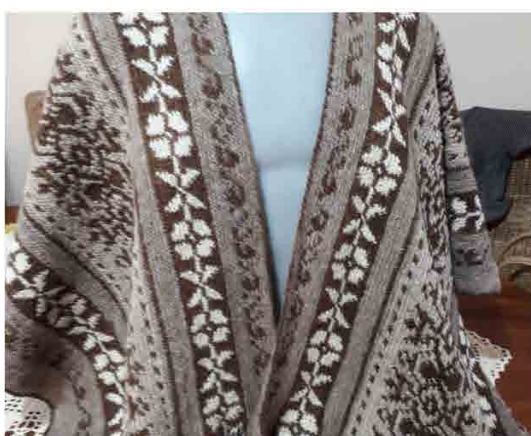


Imagem 13: Ruana tecida na técnica crochê em jacquard
 Autor: Acervo da artesã Nilza de Oliveira - Jaguarão/2019

DIFERENTES FORMAS DE TECER A LÃ: O JACQUAR

Trarei a seguir do universo da tecelagem, evidenciando aquilo que é materializado com o fio, trazendo diferentes técnicas de tecer a lã no contexto da pampa. Dentre os diferentes métodos, apresento a técnica do crochê em *jacquard* confeccionado em Jaguarão. A tecelagem é uma das atividades artesanais mais antigas e desenvolveu-se em diversos lugares no mundo, realizada de formas singulares de acordo com cada grupo ou região. Estabelecer a origem dessa história é uma complicada empreitada, devido à frágil conservação dos tecidos elaborados com materiais delicados e de pouca durabilidade frente à ação do tempo. Inicialmente, o trabalho de tramar era realizado com os dedos, assim ocorreu a cestaria, que, seguindo as mesmas noções, mas incorporando outras fibras e instrumentos, desenvolveu-se na tecelagem (PHILIPPINI, 2009).

Cáurio (1985), pesquisadora brasileira sobre o *saber e fazer* têxtil, descreve que há vestígios de tecidos datados por volta de 2.200 a.C., e que diversos povos desenvolviam seus tecidos, ao redor do mundo. Assim como registros de tecidos nas Américas, onde eram tramados fios de algodão e fibra em lã de Alpaca, de Lhama e de Vicunha, sendo que a tecelagem obteve destaque nas civilizações Andinas (CAÚRIO, 1985). A tecelagem desenvolvida em diversos locais por meio de diferentes técnicas como o tricô, o crochê e os teares, envolve *saberes e fazeres* nos processos de entrelaçar fios. Uma atividade que nasceu da necessidade humana de se proteger contra o frio, é criado, também, como forma de representação, envolvendo questões utilitárias e simbólicas (MARTINS, 1973). No Brasil, antes da chegada dos Europeus, diversos grupos ameríndios detinham técnicas complexas de fiação. Trançavam utilizando diversos materiais de origem vegetal como palhas, cipós, taquaras e palmeiras.

No estado do Rio Grande do Sul, grupos ameríndios que aqui habitavam faziam o trançado com fibras vegetais. A partir de estudos arqueológicos na região leste rio-grandense, Miller (1974, p. 19) localizou em abrigos utilizados para sepultamentos, entre outros materiais, vestígios de “artefatos como cordas, sacolas e alças de cesto”. No entanto, a partir do contato com os europeus, foram incorporadas a fiação e a tecelagem em teares rudimentares, utilizando-se da lã de ovinos (AURÉLIO PORTO, 1943; SAINT-HILARIRE, 2002; EGGERT et al., 2011). Segundo Geisel e Lody (1983) as atividades de fiar e de tecer, manualmente, estavam presentes no cotidiano da vida das mulheres, assim como os afazeres da casa e da propriedade.

De acordo com Eggert (2011), o artesanato em lã consiste num trabalho manual que aciona diversas técnicas e que é realizado predominantemente por mulheres. Tradicionalmente, é uma atividade feminina, mas, na contemporaneidade, homens²⁰ têm participado da produção em algumas etapas desse traba-

²⁰Em campo com o INRC Lida Campeira, em uma feira de artesanato em Bagé, entrevistamos um casal de tecedores, em que o marido fiava a lã utilizada na tecelagem. Certa vez em Palmas, no interior de Bagé, uma artesã afirmou que, muitas vezes, o marido deixava de lado o manejo no campo e “descia do cavalo” para ajudar ela no artesanato em lã. Em outra ocasião, no interior de Piratini, uma interlocutora reportou que, quando do seu casamento, o pai construiu seu primeiro

lho. Conhecer o artesanato em lã implica seguir *caminhos*, que contemplam uma grande variedade de técnicas e de *saberes e fazeres* na pampa. Um pluriverso, que inclui diferentes materiais e formas de transformar a lã em inúmeros produtos.

No momento de tecer a lã, entram em cena os teares, ou as agulhas de crochê, no caso do crochê em *jacquard*, que transformarão os fios em uma infinidade de coisas. O tecer é tramar o fio, transformando-o, entre outras, em peças de vestuário, momento em que as artesãs combinam lãs, padronagens, cores e desenhos. Teares são objetos materiais que servem para fazer o entrelaçamento dos fios. Há diversos tipos, formatos e tamanhos de teares. Entre as técnicas de transformação da lã praticadas pelas artesãs de Jaguarão estão, também, a feltragem molhada, a feltragem com agulha ou feltragem seca, o macramê e o tricô.

A técnica artesanal do crochê em *jacquard* é desenvolvido com maior destaque na localidade de Jaguarão. Pela singularidade das peças, já receberam diversos prêmios em concursos, bem como reconhecimento em diversas feiras realizadas no Brasil. Ana Lecy, extencionista da EMATER, conta que, em 2004, foi a primeira participação das artesãs de Jaguarão em um concurso, na ocasião era a Expointer. Dos três trabalhos apresentados, dois foram premiados. Nesse momento o *jacquard* começou a ganhar maior visibilidade. Ana ressalta que *“foi a partir da participação das artesãs da cidade com o jacquard, os concursos estaduais incluíram a modalidade crochê em jacquard, porque antes não se via trabalhos assim, apareciam só mulheres de Jaguarão”*²¹.

Em 2016, o *saber-fazer* crochê em *jacquard* foi reconhecido como o primeiro Patrimônio Cultural Imaterial no âmbito Municipal de Jaguarão. A origem do *jacquard* no município é imprecisa, pela narrativa das artesãs, sua origem se perdeu no tempo. Trago aqui a fala da artesã Cenilza²², recontada por muitas artesãs: *“O jacquard em Jaguarão... O ano não tenho ideia, o que contam aí, que através das freiras é que veio. (...) uma freira que veio da França e que começou a passar o jacquard. Quanto tempo isso não tenho ideia, mas diz que é. E têm várias pessoas que fazem, a Sra. Nilza, a Carlota, a Vivika, a Elci acho que não faz jacquard, só tear, a Dona Neli acho que faz também”*²³. As histórias, são contadas e recontadas, inventadas e reinventadas, sendo alteradas, readaptadas, ao longo da vida, mas a invenção, como indica Wagner (2010), é criada a partir de uma referência.

Geralmente, os produtos artesanais em lã envolvem elevada elaboração técnica, tempo e emprego de uma boa matéria-prima, indispensáveis para a feitura do tecido. Assim, é um artesanato com valor monetário mais elevado em

tear, *“foi no mato e fez”*. Em Jaguarão, a artesã Elci, conta com o marido para realizar algumas tarefas, como lavar a lã, cardar, urdir no tear. Mas a maioria dos artífices que encontramos a trabalhar com o artesanato em lã são mulheres. Essa divisão social é marcada o pelas diferenças de gênero, porque *“o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um ‘destino’ biológico, mas sim de construções sociais”* (SILVA, 2011, p. 115).

²¹Ana Lecy, maio de 2018.

²²Cenilza, maio de 2019.

²³Na cidade de Jaguarão existiu um colégio, fundado por irmãs franciscanas, o Colégio Imaculada Conceição. Criado em 1901, tendo caráter de internato até 1924, foi uma instituição de ensino religioso, direcionado para mulheres e funcionou até a década de 1970. São narrativas que vão sendo transmitidas através dos tempos constituindo a história desse *saber-fazer*, o crochê em *jacquard*.

relação às outras técnicas artesanais. As artesãs definem a peças de crochê em *jacquard* como a mais onerosa entre as peças feitas no tear, não pela relação com os custos com materiais, mas porque é uma técnica mais complexa e pelo tempo empregado. O valor é justificado, também, pela exclusividade. São peças únicas, dificilmente uma artesã conseguirá reproduzir outra peça igual e a lã, por ser natural, nunca terá uma mesma cor, a mesma tonalidade, mesmo que tingida, os tons não serão iguais. É, ainda, uma mercadoria, tem importância como recurso econômico, como fonte de sustento para mulheres e suas famílias. Mas não é *apenas* uma mercadoria. O artesanato em lã é mais que um simples processo de produção de mercadorias. A atividade artesanal envolve muitos significados e sentidos que vinculam pessoas, objetos e ambientes em um emaranhado de relações (INGOLD, 2012).

O *saber-fazer* artesanal contém o valor afetivo, que está ligado à memória, pois este reaviva lembranças, histórias, lugares e vínculos. As experiências de aprendizagem, sejam em casa, com mães ou com avós, nos cursos da EMATER e do SENAR ou os compartilhamentos e trocas que se dão nas feiras e nos encontros das artesãs. Integram os materiais, como roca e teares, com as memórias, relembram quem construiu e de quem se herdou. O artesanato em *jacquard* é um trabalho reconhecido fora do município pela sua singularidade, sendo o *jacquard* uma referência cultural, representativa para a região. Por diversas vezes as artesãs foram condecoradas, pelo trabalho realizado, na Câmara Municipal de Vereadores, sendo a técnica muito reconhecida no âmbito Municipal de Jaguarão.

A técnica consiste no trabalho artesanal, em que, por meio da utilização de dois ou mais fios de lã de cores diferentes e uma agulha de crochê, originam a formação de complexos desenhos e estampas variadas durante o entrelaçamento dos fios. Possibilitando inúmeras criações, alternando cores e o encadeamento dos fios, realizadas a partir de gráficos de *ponto cruz*. A artesã Nilma diz que tecer o crochê em *jacquard* é preciso ter uma noção de Matemática, pois é todo contado, tem que contar os pontos do gráfico e a quantidade de pontos da peça que vai fazer, para saber quantos quadrados serão necessários fazer para depois unir. "*É bem complexo, é bom que puxa a memória, as ideias.*"

O processo de criação das artesãs dá-se a partir de diversos motivos reguladores, que irão influenciar a variação e a elaboração das peças. São regulados pelos materiais disponíveis, pelas habilidades técnicas, pelas funções do produto, pelas preferências da artesã, pelo que tem demanda ou não, pelo que é imposto por encomendas ou pelo gosto do consumidor. Evidentemente que, por essas razões, processos que envolvem o tecer ajustam-se aos constantes impulsos, originando novas peças e produtos, pois "no momento em que ela coloca, conscientemente, nesse arranjo, padrões de cor ou de organização, está exercitando um comportamento artístico" (RICHTER, 2003, p. 108).

Ainda que o crochê em *jacquard* seja uma atividade artesanal característica da localidade de Jaguarão, a forma de fazer o artesanato é particularizada, sendo que a aptidão de conceber alguma coisa, de criar, é sempre singular, será

definido segundo as “ideias na cabeça” do artesão (MENDES, 2009, p. 67). As artesãs de Jaguarão fazem a composição dos desenhos a partir de um acervo compartilhado entre elas, sendo que os *motivos* mais frequentes são flores, figuras geométricas, “faixa pampa” e cavalos. Por mais que os desenhos sejam compartilhados entre as artesãs, gerando uma seleção de imagens prontas, cada artesã concebe e constrói os traços a seu modo, a partir da sua experiência individual. Inventam a partir da própria imaginação, da sua maneira de ver as coisas, pela preferência estética, ou mesmo, a partir da busca na internet e nas mídias sociais.

Os objetos produzidos pelas artesãs contam histórias, que vão ser transmitidas por quem os recebe. Portanto, como assinala Stallybrass (2012), as vestimentas são um instrumento capaz de trazer memórias de quem as usou, sendo lembrada por meio de trocas, compras, presentes e doações. Peças detentoras de recordações de quem fez, de onde fez, de como fez, de quem era, quem deu, elas trazem consigo momentos, acontecimentos vividos. A questão de que “as coisas contam histórias” e trazem consigo lembranças tem a ver com sentimentos, afetos. Estas peças, chamadas coisas ou objetos, têm significado para quem fez, assim como para quem recebe ou adquire. Parece-me que esse é o sentimento que as artesãs compartilham em relação ao artesanato em lã, é um *saber-fazer* que se materializa, trazendo consigo um turbilhão de memórias e histórias (sobre a mãe, a avó, as tias, as vizinhas, a infância, os lugares e os momentos). A experiência que uma artesã estabelece com as coisas e o mundo que ela habita a constituem como artesã, à medida em que são tecidas, tramadas, as *malhas* e os *caminhos da lã*.

CONSIDERAÇÕES

O artesanato em lã se constitui a partir de diferentes técnicas e conhecimentos disseminados pela pampa brasileira e o *jacquard* configura-se como uma dessas técnicas, sendo uma singularidade da localidade de Jaguarão. Seguir os *caminhos da lã* implica em compreender uma grande variedade de técnicas de confecção. Os processos artesanais de transformação da lã, atentam para um universo que inclui diferentes formas de tecer, diferentes tipos, formatos e tamanhos de teares, rocas manuais e elétricas, cardas manuais e de tambor e as peças. Este trajeto envolve as artesãs e diversos agentes que têm relação com a sua prática.

A prática inclui um processo que necessita do fio da lã que vêm da ovelha, não há como pensar o processo sem o animal, sem os rebanhos de ovinos. Essas coisas estão se articulando o tempo todo cultura e natureza. Essa pesquisa dentro da metodologia do INRC Lida Campeira, começou a pensar então o campo, a tosquia, a peça, colocando o artesanato em lã na relação com a *lida campeira*. Indo, dessa forma, para muito além da peça material. Isso possibilitou compreender todo os *caminhos da lã*, desde a produção, na pecuária familiar de ovinos, passando pelas técnicas de manejo realizadas, os conhecimentos de produtores, as instituições que auxiliam, as técnicas de esquila que são executadas de acordo

com a organização e o propósito da criação, envolvendo formas de classificação e o armazenamento da lã, a preparação do fio e a transformação em artesanato.

O crochê em *jacquard* é um conhecimento tradicionalmente familiar, passado de geração em geração. Na contemporaneidade, é reconhecido como um *saber-fazer* de Jaguarão. Essa identificação acontece no momento que esse conhecimento se expande para além do âmbito da casa, quando artesãs locais, organizam a Associação dos Artesãos de Jaguarão no intuito de promover, ensinar e dar visibilidade ao artesanato em lã. Nessa saída de casa para o espaço público, é o momento em que as artesãs começaram a participar de feiras, exposições e concursos pelo Estado, elas puderam perceber a particularidade de suas peças. A técnica é um trabalho manual, que vai além da ideia de artesanato rústico e imperfeito, mas se destaca pela complexidade, pela criatividade e pelo domínio, na busca por fazer bem feito. O trabalho dessas artesãs não se assemelhava aos trabalhos realizados em outras localidades, tanto que organizadores dos concursos criaram uma categoria para incluir o crochê em *jacquard*. Nesse *caminho* para fora da casa o crochê em *jacquard* passou a ser reconhecido como de Jaguarão, um modo de fazer local.

O *saber-fazer* da lã está em crescente risco, frente ao aumento da monoprodução de grãos e de plantações, como de eucalipto e de acácia, e diante da ameaça de projetos de mineração, causando a redução de áreas de campos nativos destinados a criação de ovinos, assim como a biodiversidade da Pampa. A destruição desse ambiente reflete na destruição de todos os *saberes e fazeres* que compõem a *lida campeira*. Portanto, é importante a construção de políticas públicas de Registro e Salvaguarda das referências e bens culturais, pois a Pampa tem grande relevância para o segmento da *lida campeira*, assim como a *lida* depende deste ambiente pastoril, conservando a Pampa, também se conserva a cultura pampena.

Pela aproximação com o fazer, pode ser evidenciado que as artesãs que produzem o crochê em *jacquard* possuem marcas, particularidades, pois são diferentes mulheres, gerações, formas de trabalho, organização de processos, redes de comercialização e divulgação. Tudo isso compõe um universo heterogêneo, aberto à produção de conhecimento pela Antropologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNOLD, Denise Y. y Elvira Espejo. **El textile tridimensional: la naturaliza del tejido como objeto y como sujeto**, La Paz, 2013.

AURÉLIO PORTO, Afonso. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Patrimônio e Artístico Nacional, 1943.

BOFILL, Francisco J. **A reestruturação da ovinocultura gaúcha**. Guaíba: Livraria e Editora Agropecuária, 1996.

CAÚRIO, Rita. **Arte têxtil no Brasil: viagem ao mundo da tapeçaria**. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

DESCOLA, Philippe. **Más Allá de naturaliza y cultura**. Buenos Aires, Argentina, Amorrotu Editores, 2012.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: "Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu"**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

EGGERT, Edla et al. **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

EGGERT, Edla; SILVA, Márcia A. Descosturar o doméstico e a "madresposa"- a busca da autonomia por meio do trabalho artesanal. In: Eggert, E. (Org). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

FELIPE, Jose. V. **Manual Control de calidad en productos textiles y afines**. Ediciones Escuela Técnica Superior de Ingenieros Industriales, Madrid, 2015.

FONSECA, Maria Cecília L. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: **Inventário Nacional de Referências Culturais**. Manual de aplicação. Rio de Janeiro: IPHAN – DID, 2000.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e coisas da Fronteira Sul: ensaios históricos**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. **Origens de Jaguarão: (1790-1833)**. 2 ed. Porto Alegre: Evangraf Ltda., 2007.

FREIRE, Beatriz Muniz. O Inventário e o Registro do Patrimônio Imaterial: novos instrumentos de preservação. **Cadernos do Lepaarq**, 2 (3), 11-20, 2005.

GEISEL, Amália L.; LODY, Raul G. **Artesanato brasileiro: Tecelagem**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983.

GOLDMAN, Márcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, v.10, n.1, 2006.

GONÇALVES, C. Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1998.

HERRMANN, Miriel Bilhalva. **Pelos caminhos da lã: Uma etnografia do artesanato**

crochê em *jacquard* feito por mulheres em Jaguarão/RS. 2020. 159f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós- Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. London: Routledge, 2000.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.6-25, 2010.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p.25-44, 2012.

_____. **Antropologia para que serve**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

KOSBY, Marília F.; SILVA, Liza B.M.D. INRC – Lidas campeiras na região de Bagé/RS: inventário dos ofícios e modos de fazer da pecuária no Pampa. **Revista Perspectivas Sociais**, v. 2, n. 1, p.2-14, 2013.

LEAL, Ondina fachel. “Do etnografado ao etnografável: O ‘Sul’ como área cultural”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.3, nº 7, p. 201 – 2014, 1997.

MAGNANI, José C. G. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.15, n. 32, p.129-156, 2009.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Nayfi, p.399-420, 2003a.

MARTINS, Saulo. **Contribuição ao estudo científico do artesanato**. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1973.

MENDES, Francisca R. N. **A louça de barro do córrego de areia: tradição, saberes e itinerários**. 2009, 198p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2009.

MILLER, Eurico T. Pesquisas Arqueológicas em Abrigos sob Rocha no Nordeste do Rio Grande do Sul. In: SIMÕES, Mário (Ed.). **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: Resultados Preliminares do Quinto Ano (1969-1970)**. Publicações Avulsas Museu Paraense Emilio Goeldi, n. 26, 1974.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia, ou a teoria vivida**. Ponto Urbe, 2008.

_____. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 42, p. 377-391, 2014.

PHILIPPINI, Angela. **Linguagens, materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedade**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

RIETH, Fátia et al. Inventário Nacional de Referências Culturais: **Lidas Campeiras na Região de Bagé, RS**. v.3, 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013.

RIETH, Flávia; LIMA, Daniel Vaz. BARRETO, ÉRIC. “Lida brabíssima”: a cultura da caça como constituidora da relação entre humanos e animais na pecuária extensiva no pampa brasileiro. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 81-91, 2016.

RIETH, Flávia.; LIMA, Daniel. Manejos pecuários: ofícios e saberes artesanais. In:

David. Cesar; Vargas, Daiane Loreto (org.). **Saberes Tradicionais e Artesanato: experiências culturais do campo brasileiro**. São Leopoldo: Oikos, p. 87-103, 2018.

RIETH, Flávia; KOSBY, Marília; NUNES, Juliana; HERRMANN, Miriel; BARBOSA, Luciene. Campeiras: notas de uma etnografia sobre as mulheres na pecuária da pampa brasileira. In: LITRE, Gabriela; MATTE, Alessandra; COURDIN, Virgínia et al. (Orgs.). **Mulheres e Pecuária nas Pastagens do Pampa: Quais Mulheres? Quais pecuárias?** Curitiba: Editora da UTFPR. [No prelo], 2020.

RIETH, Fávia et al. Inventário Nacional de Referências Culturais: **Lida Campeira nos Campos Dobrados do Alto Camaquã, RS**. Pelotas: ed. da UFPel, v.3, 2021.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Brasília: Senado Federal, 2002.

SCHLEE, Adyr G. **Dicionário da Cultura Pampeana Sul Rio-Grandense**. Pelotas: Fructos do Paiz, 2019.

SILVA, Márcia Alves da. "Confeccionando" reflexões sobre o trabalho feminino artesanal". In: _____. (Org.). **Gênero, sexualidade, educação e conhecimento. Pelotas: Editora da UFPel, 2011.**

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Diferentes aportes no âmbito da antropologia fenomenológica: Dialogo com Tim Ingold. In: **Cultura, percepção e ambiente: Diálogos com Tim Ingold**. (org.). São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. São Paulo: Autêntica, 2012.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14° ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **O artífice**. 5°ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

VARGAS, Daiane Loreto. **Tecendo tradição: artesanato e mercado simbólico em uma comunidade rural do pampa gaúcho**. 2016, 182p. Tese (Doutorado em Extensão Rural) -Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

VIANA, João G. A.; SILVEIRA, Vicente C. P. **Cadeia Produtiva da Ovinocultura no Rio Grande do Sul**: Um estudo descritivo. Revista em Agronegócios e Meio Ambiente, v. 2, n. 1, p. 9- 20, 2009.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.